

Personalidade em animais: o que diz a ciência?

Aline Cristina Sant'Anna^{1,2*} & Tiago da Silva Valente²

¹Departamento de Zoologia, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG.

²Grupo de Estudos e Pesquisas em Etologia e Ecologia Animal (ETCO), Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da Unesp, Campus de Jaboticabal, SP.

*Autor para correspondência: ac_santanna@yahoo.com.br

APRESENTAÇÃO

Todas as pessoas que, em algum momento da vida, tiveram estreito contato com animais são capazes de caracterizá-los de acordo com aspectos do comportamento, utilizando adjetivos como 'brincalhão', 'tímido', 'medroso', 'nervoso', 'agressivo', 'carente', 'amigável', 'agitado' na tentativa de expressar a individualidade de seus animais. Mas, como a ciência vem abordando esse tema? Quais as origens destas diferenças? O conceito de personalidade é legítimo para quais animais? E, principalmente, quais são suas implicações na vida dos animais? Ao longo desse texto buscaremos responder a esses questionamentos.

Vamos iniciar com uma breve reflexão sobre o conceito de personalidade. Quando uma pessoa é nervosa, agressiva ou impaciente, dizemos que ela tem uma personalidade 'difícil', isto define sua individualidade, diferenciando-a das demais pessoas. No ser humano, a personalidade pode ser definida como sendo o estilo desenvolvido por cada indivíduo na forma de lidar com o ambiente, com o contexto social e suas experiências; envolvendo também elementos como o humor e as projeções para o futuro, por exemplo, otimismo e pessimismo.

Há algumas décadas, cientistas que estudam o comportamento dos animais vêm buscando caracterizar traços de personalidades em diversas espécies, assumindo que os animais também diferem nas suas tendências a serem mais ou menos 'medrosos', 'agressivos', 'calmos', 'nervosos', 'estressáveis', 'tímidos', 'ousados', 'corajosos', 'curiosos', etc (Figura 1). Assim, todos esses termos são usados para definir a personalidade (também

chamada de 'índole', ou de 'temperamento') dos animais.

Existem diversos testes e questionários utilizados pelos psicólogos para definir o tipo de personalidade das pessoas. Para os animais seguimos o mesmo princípio geral, porém, como os animais não 'falam', não podemos perguntar a eles como reagiriam frente a uma determinada situação. A única maneira de avaliar seu temperamento é através da avaliação de suas reações comportamentais, expondo-os a certas situações que os levem a expressar suas individualidades. Há diversos testes consagrados que são utilizados para avaliar as reações comportamentais de cada indivíduo quando exposto a determinadas situações novas, ou potencialmente estressantes. Seguem abaixo alguns testes comportamentais:

i) Teste de novo objeto: consiste em colocar um novo objeto com o qual os animais nunca tiveram contato (pode ser usado um



Figura 1. Os animais apresentam respostas de exploração e curiosidade, que podem caracterizar traços de sua personalidade. A –Cervos cativos apresentando respostas de exploração a um observador que adentrou em seu piquete, mantendo-se à certa distância, cheirando e observando-o, mas sem aproximar-se. B– Após alguns segundos um único cervo se aproxima do observador, cheira sua mão e tenta tocá-la com o focinho.

guarda-chuva, uma bola, ou objetos coloridos) no local onde os animais vivem. Suas reações ao deparar-se com o objeto são então avaliadas. Os indivíduos que têm temperamento mais ‘ousado’ e ‘curioso’, imediatamente aproximam-se do objeto e buscam tocá-lo, ou até mesmo brincar. Por outro lado, aqueles mais ‘medrosos’ e ‘tímidos’ geralmente evitam aproximar-se, podem olhar para o objeto, mas tratam de manter certa distância, podendo até mesmo fugir (Figura 2, A e B).

- ii) Teste de campo aberto: consiste em deixar o animal sozinho em um local fechado e desconhecido a ele por um curto período de tempo (alguns minutos), assim, os pesquisadores avaliam como se comportou cada indivíduo, quanto à apresentação de comportamentos indicativos de medo e agitação ou de calma e exploração do novo local.
- iii) Paradigma residente-intruso: conforme sugerido pelo nome do teste, um animal da mesma espécie, mas desconhecido (o ‘in-

truso’), é inserido na área de vida daquele que está sendo avaliado (residente), assim é possível averiguar-se o residente imediatamente agredirá o intruso ou sebuscará apenas reconhecê-lo, revelando uma tendência à agressividade, que pode estar ou não relacionada à agressividade para defesa de seu território.

- iv) Teste de distância de fuga: nesse caso é avaliada a resposta do animal às pessoas. Um observador, geralmente não familiar ao animal, tenta aproximar-se de cada indivíduo, invadindo sua zona de fuga. É possível avaliar o quanto de aproximação cada animal irá permitir antes de reagir, esta reação pode ser: aproximar-se do observador (animal muito dócil), esquivar-se (animal amedrontado) ou até mesmo tentar atacar o avaliador (animal agressivo) (Figura 2, C e D).

Uma forte evidência científica da existência de personalidade nos animais é o fato de que os diferentes tipos de personalidades (mais calmas, mais agressivas, ou mais nervosas) também



Figura 2. Testes comportamentais utilizados para avaliação da personalidade (ou temperamento) em animais de fazenda. A – Teste de novo objeto (bola colorida) com bezerro leiteiro. Os círculos desenhados no solo servem para indicar à qual distância o bezerro se aproxima. B – Observador posicionando um novo objeto (bastão colorido) para teste com galinhas poedeiras mantidas em gaiolas. Ao inserir o objeto todas as galinhas fogem para o fundo da gaiola. C – Teste de distância de fuga, onde um observador tenta aproximar-se de um bovino calmo, o qual permite intensa aproximação, sendo tocado pelo observador. D – Mesmo teste realizado com um animal agressivo, que tenta investir contra o observador.

diferem profundamente quanto ao funcionamento do organismo, ou seja, alguns de seus mecanismos fisiológicos também são distintos. Ao passar por uma situação estressante sentimos um ‘frio na barriga’, o coração dispara e nossas mãos ficam molhadas de suor. São reações fisiológicas normais do nosso corpo em resposta ao estresse, muitas das quais os animais também apresentam. Eles podem ter ainda eriçamento dos pelos, a pupila dilatada (quem já viu um gato assustado há de recordar),

esclera (branco do olho) aparente, arqueamento a coluna, adotando postura defensiva, e até mesmo urinar ou defecar em resposta a um estresse muito intenso. Todas essas reações fisiológicas variam em intensidade dependendo da personalidade do animal, sendo que nos indivíduos mais ‘calmos’ tais respostas serão menos intensas ou menos duradouras, ou seja, eles logo voltam ao seu estado ‘normal’. Tais respostas fisiológicas podem ser mensuradas de várias maneiras, por exemplo,

com uso de equipamentos que medem frequência cardíaca (número batimentos do coração por minuto) ou com coletas de amostras de sangue para dosagens das concentrações de hormônios do estresse (dentre eles, o cortisol).

Já sabemos que os animais têm distintos tipos de personalidades (ou temperamentos), os quais podem ser avaliados com uma abordagem científica, mas, será esse um conceito que se aplica a todos os tipos de animais? Historicamente as pesquisas científicas sobre as diferenças individuais no comportamento focaram na avaliação de algumas poucas espécies de animais silvestres mantidos em zoológicos, como chimpanzés, macacos *Rhesus*, hienas, leopardos das neves, elefantes, dentre outros. Da mesma maneira, vários traços de personalidade vêm sendo reconhecidos nos animais domésticos, com os cães, gatos, cavalos, bovinos, suínos e ovinos, os quais são foco da maioria das pesquisas sobre o tema. É natural que tenhamos conseguido facilmente identificar nítidas diferenças no comportamento de animais que estão sob nossos cuidados e / ou dentro de nossas casas. Quanto maior a proximidade do ser humano com os animais, maior é a probabilidade de que as diferenças entre indivíduos sejam por nós percebidas e, posteriormente, avaliadas.

Porém, quando olhamos um cardume de peixes, ou um bando de pássaros, será que há ali diferenças individuais identificáveis e consistentes com o conceito de personalidade? Segundo muitos pesquisadores do comportamento animal, 'sim'. É crescente o número de pesquisas relatando diferenças de personalidade nos mais variados grupos de vertebrados, indo de peixes às tartarugas, lagartos e diversos grupos de aves (principalmente passarinhos e aves domésticas). Por fim, nos restaria ainda uma importante questão.

Considerando que os invertebrados representam em torno de 98% da biodiversidade, o que sabemos sobre o conceito de personalidade nesses animais? Descobertas das neurociências (ciência que estuda o funcionamento do sistema nervoso) vêm revelando que diversas espécies de invertebrados podem apresentar uma ampla gama de respostas fisiológicas e comportamentais ao ambiente externo e ao seu meio interno, sendo, portanto, organismos bastante complexos também sob o ponto de vista do comportamento. No entanto, ainda sabemos muito pouco sobre a existência de diferentes personalidades nesses animais, pois, há pouquíssimos estudos científicos sobre o tema. Foram encontradas respostas individuais e duradouras em artrópodes (crustáceos, aranhas e insetos) e em poucas espécies de moluscos, que poderiam representar distintos tipos de personalidades, segundo os autores.

Seria natural pensarmos que, nas espécies para as quais já foram descritas diferentes personalidades, animais mais temperamentais poderiam 'imprimir' essa característica em seus descendentes. Mas, até que ponto a personalidade é de fato herdável e consistente ao longo de toda a vida de um animal? Um cão agressivo irá necessariamente gerar filhotes também agressivos? Muitas pesquisas vêm sendo realizadas a fim de estabelecer o quanto dessas características podem ser herdáveis, ou seja, passarem de pais para filhos. A maioria delas vem concluindo que é possível sim um cão agressivo 'passar' tal característica para alguns dos seus filhotes. Porém, mais relevante que sua composição genética (e racial) é o modo como os animais são criados, o ambiente em que eles vivem e, o seu grupo social, que caracterizam efeitos ambientais importantíssimos na determinação da personalidade. Portanto, dizemos

que o temperamento é influenciado pela genética do animal, mas principalmente, pelo ambiente em que ele vive desde sua infância até a vida adulta. Por exemplo, animais que sofreram maus-tratos podem mudar profundamente o modo de se comportar na presença de pessoas, expressando medo e agressividade defensiva; enquanto experiências traumáticas podem causar reações de pânico recorrentes frente a estímulos específicos como barulhos altos ou locais desconhecidos.

Quanto aos animais domésticos, por já viverem há muito tempo (milhares de anos) em estreito contato com o homem, o próprio processo de domesticação moldou a personalidade dos animais, promovendo alterações em certos traços de temperamento. A seleção artificial aplicada pelo domesticador para redução do medo ou da agressividade (realizada de modo intencional ou não pelo domesticador), ocorria graças ao cruzamento entre si dos indivíduos menos agressivos, enquanto descartavam ou afugentavam aqueles mais arredios. Comparando-se populações de animais silvestres com populações domésticas de uma mesma espécie ou de espécies próximas (como no caso dos lobos cinzentos e cães domésticos), é evidente a profunda diferença de ambos na forma como reagem na presença de pessoas. Em geral, os lobos são mais agressivos e ariscos, enquanto os cães buscam por contato e até 'choramingam' para chamar a atenção, reações que não estão presentes nos lobos. É preciso ter em mente que, mesmo com o processo de domesticação, o comportamento dos cães, gatos e de outros animais domésticos não se tornou uniforme e invariável, existe ainda importante variação entre os indivíduos, com alguns cães e gatos sendo potencialmente ariscos e agressivos, o que pode ser influenciado pela raça (genética) e principalmente pelo tipo de criação.

O temperamento dos animais pode ter sérios impactos sobre o bem-estar para as espécies domésticas, em especial, os animais de companhia e de fazenda. Indivíduos muito medrosos, que são facilmente estressáveis e tendem ao pânico, sofrem mais durante os procedimentos de manejo necessários no ambiente de criação, por exemplo, vacinação, tratamentos veterinários, administração de medicamentos, ordenha, etc (Figura 3). Essa



Figura 3. Animais de fazenda agitados e nervosos correm maior risco de sofrerem acidentes com injúrias graves durante manejos de rotinas. Este bovino altamente agitado sofreu uma queda ao tentar saltar a cerca, ficando com os membros posteriores (pernas) presos nos fios de arame.

abordagem é ainda mais importante para os animais de grande porte, como búfalos, cavalos e bovinos, onde os animais mais agressivos podem levar a injúrias graves não apenas neles próprios, como também nas pessoas e em outros da mesma espécie. O conhecimento sobre o modo como os animais mais calmos ou mais nervosos reagem frente a estímulos presentes em seu meio permite que sejam desenvolvidas instalações e métodos de manejo que respeitem as necessidades comportamentais de cada indivíduo. Além de melhorar a qualidade de vida dos animais, busca-

se promover também maior segurança aos trabalhadores que lidam com eles diariamente.

Enfim, reconhecemos os enormes avanços no conhecimento científico sobre a personalidade em animais não-humanos. Porém, tendo em vista sua origem recente, essa área de investigação ainda tem muito o que avançar. Conheceras diferenças individuais dos animais poderá nos levar a entendê-los e respeitá-los como seres únicos, além de nos ajudar a conhecer um pouco mais sobre nós mesmos, pois passamos a perceber que, no fundo, não somos tão diferentes assim.

SUGESTÕES DE LEITURA

- BREED, M.D. & MOORE, J.M. 2012. CHAPTER 6: COGNITION. IN: BREED, M.D. & MOORE, J.M. **Animal Behaviour**. Academic Press, San Diego. p. 151-182.
- CARERE, C. & MAESTREPIERI, D. 2013. **Animal Personalities: Behavior, Physiology, and Evolution**. The University of Chicago Press, Chicago. 507 p.
- CARTER, A. J.; FEENEY, W. E.; MARSHALL, H. H.; COWLISHAW, G. & HEINSOHN, R. 2013. Animal personality: What are behavioural ecologists measuring? **Biological Reviews** **88**: 465-475.
- GOSLING, S.D. 2001. From mice to men: what can we learn about personality from animal research? **Psychological Bulletin** **127**: 45 - 86.
- KOOLHAAS, J.M.; DE BOER, S.F.; COPPENS, C. M. & BUWALDA, B. 2010. Neuroendocrinology of coping styles: Towards understanding the biology of individual variation. **Frontiers in Neuroendocrinology** **31**: 307 -321.
- LAPIEDRA, O.; CHEJANOVSKI, Z. & KOLBE, J.J. 2016. Urbanization and biological invasion shape animal personalities. *Global Change Biology*, online ahead of print. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1111/gcb.13395>>
- RÉALE, D.; READER, S. M.; SOL, D.; MCDUGALL, P.T. & DINGEMANSE N.J. 2007. Integrating animal temperament within ecology and evolution. **Biological Reviews of the Cambridge Philosophical Society** **82**: 291-318.